

## **A ESCOLA E A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE NA ADOLESCÊNCIA**

Lilian Machado Marques Vidal (1); Sandra Regina Ferreira Rocha de Souza

(1) Instituto Federal de Mato Grosso, campus Primavera do Leste, (2) Universidade Aberta do Brasil – UNEMAT- Polo de Alto Araguaia.

### **Resumo**

O presente trabalho teve como objetivo verificar a importância da escola na manutenção da vida escolar de adolescentes grávidas, na prevenção de gravidez precoce e de doenças sexualmente transmissíveis. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada aberta, caracterizando uma pesquisa qualitativa. A entrevista foi realizada com 38 adolescentes com idade 13 a 17 anos, alunas da Escola Estadual Dr. Ytrio Correa e Escola Estadual Oscar Soares, do Município de Alto Garças – MT – Brasil. Entre estas 5 encontravam-se grávidas, todas tiveram seus filhos ainda antes do término da pesquisa. Esta pesquisa enfatizou a informação e o conhecimento inadequado dos adolescentes em relação às questões de sexualidade e prevenção da gravidez precoce. Visualizou-se também a necessidade de uma educação sexual com espaços para diálogos e discussões de dúvidas, tanto na escola, como no âmbito familiar. Constatamos a necessidade de orientações para o uso de contraceptivos para evitar-se doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Acredita-se que saúde, educação, assistência e promoção social deveria manter um canal de comunicação permanentemente aberto e estabelecer um relacionamento terapêutico de confiança, livre de preconceitos, oferecendo aos adolescentes informações que os auxiliem na busca por informações relacionadas a sexualidade, e a escola é sim um espaço adequado para isso.

**Palavras-chave:** Adolescente, escola e gravidez precoce.

### **Introdução**

Em 1997, o Ministério da Educação publicou o “Parâmetros Curriculares Nacionais” PCN, em que determina diretrizes para um programa de orientação sexual nas escolas. Porém, a educação sexual ainda não está completamente implantada nas escolas brasileiras, a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a “sexualidade e o adolescente”, tema este que nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social. Mais do que um problema moral, ela é vista como um problema de saúde pública e a escola desponta como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes. Os temas transversais tematizam problemas fundamentais e urgentes da vida social-ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural. Eles devem ser trabalhados, ao longo de todos os ciclos de escolarização, de duas formas: dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

(83) 3322.3222

[contato@conapesc.com.br](mailto:contato@conapesc.com.br)

[www.conapesc.com.br](http://www.conapesc.com.br)

Compreendemos que neste contexto saúde e educação caminham juntas, uma vez que gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) é um problema de saúde pública. Portanto, trabalhar os métodos de orientação e prevenção ainda é a melhor solução.

No início da vida reprodutiva, a maternidade e uma possível doença sexualmente transmissível, pode ameaçar o bem-estar e o futuro das adolescentes em razão aos riscos físicos, emocionais e sociais. A juventude, frequentemente, é tida como um momento de imaturidade e instabilidade, no qual o jovem vive novas experiências e deve investir em sua formação pessoal e profissional.

Agravidez precoce na adolescência traz consigo vários requisitos que vão representar um comprometimento individual com problemas das mais variadas ordens. Medo, insegurança, desespero, desorientação, solidão, estes são sentimentos muito comuns, especialmente no momento da descoberta da gravidez.

De acordo com Casagrande (2001, p. 235), “a gravidez na adolescência tem sido identificada como um dos grandes problemas de saúde pública no Brasil”, essa realidade não é diferente em outros países. Quando analisamos os possíveis fatores etiológicos ligados ao incremento das gestações nessa faixa etária, podemos perceber a complexidade desses fatores, pois os mesmos apontam para a existência de uma enorme rede “multicausal” tornando, assim, os adolescentes vulneráveis a essa situação.

O Brasil tem a sétima maior taxa de gravidez adolescente da América do Sul, empatando com Peru e Suriname, com um índice de 65 gestações para cada 1 mil meninas de 15 a 19 anos, segundo dados referentes ao período de 2006 a 2015 divulgados pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) (2017)

Estudos realizados por pesquisadores nos mostra dados de que as mães adolescentes que não trabalham e nem estudam, apresentam os piores índices de escolaridade entre a população de 15 a 17 anos fora da escola. A maioria delas não chega a completar o ensino fundamental. Ressalta autores como Gomes 1998, Santos et al 2014, Lopes et al, 2015.

De acordo com dados oficiais da UNICEF – 2011, 26,8% da população sexualmente ativa (15 -64 anos) iniciou sua vida sexual antes dos 15 anos no Brasil; também relata que 19,3% das crianças nascidas vivas em 2010 no Brasil são filhos e filhas de mulheres de 19 anos ou menos; 2,8% das adolescentes de 12 a 17 anos possuíam 01 filhos ou mais em 2009; 12% das adolescentes de 15 a 19 anos possuíam pelo menos um filho em 2010.

A temática sexualidade é abordada no ambiente escolar em sua maioria nas disciplinas de ciências e biologia, sendo um assunto difícil de ser trabalhado, já que envolve alguns pré-requisitos: a escola, os educadores, a família, uma equipe multidisciplinar e o próprio adolescente.

Este assunto precisa ser mais abordado no ambiente escolar por diversificados meios que não sejam somente nas disciplinas.

Entretanto, quando a gravidez indesejada e precoce é um fato é necessário que se oriente os envolvidos a não abandonar os estudos acolhendo-a de forma que ela se sinta segura no ambiente escolar. Pois só através da educação que haverá uma diminuição significativa no número de adolescentes grávidas em fase escolar. No Brasil, a quantidade de adolescentes grávidas caiu 17% entre 2004 a 2015, de acordo com dados divulgados pelo Ministério da Saúde em 2015, porém ainda temos um longo caminho para que estes índices aumentem cada vez mais.

Tendo em vista o que Oliveira (2003, p. 03) diz, a contemporaneidade exige cada vez mais profissionais qualificados, dotados de conhecimentos especializados e atualizados, flexibilidade intelectual no encaminhamento de diferentes situações e capacidade de análise para decodificar a realidade social. A escola é o espaço ideal para a realização desta educação sexual, podendo ser um espaço de orientação, utilizando muitos meios de informação e perfazendo um currículo que auxilie nesta orientação, com atividades realizadas em vários momentos na escola.

Entretanto, a educação sexual vai além dos métodos contraceptivos. Considera-se que os programas de educação sexual nas escolas permitem diminuir o número de gravidez, mas o fenômeno não é tão simples assim, porque a problemática é abrangente e multidimensional. Nela intervêm aspectos como o econômico, social, cultural, educacional, psicológico, de gênero, religioso e outros, ou seja, uma adequada educação sexual pode contribuir para a diminuição da gravidez na adolescência. Como visto em leituras de Vieira *et al* 2017, Gonçalves *et al* 2016,

O presente trabalho teve como objetivo principal verificar a influência da escola na permanência na vida escolar de adolescentes grávidas, prevenção de gravidez precoce. Contribuir na construção de indicativos dos principais motivos e/ou circunstâncias que levaram as adolescentes envolvidas no trabalho a uma gravidez precoce, até que ponto esta situação implicará em mudanças em sua vida.

## **Metodologia**

O presente estudo refere-se a uma pesquisa qualitativa com dados quantitativo, em que se considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Como define Silva e Menezes (2005), na abordagem qualitativa o processo e seu significado são os focos principais de abordagem, usa do estudo de caso, que se caracteriza como um método de investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real. Seu uso é indicado quando a atenção do pesquisador recai sobre elementos contextuais, “quando se colocam questões do tipo como e porque” (YIN, 2001, p. 19). Nesse sentido, “o estudo de caso vem sendo uma estratégia comum de pesquisa” (YIN, 1983 *apud* YIN, 2001, p.21).

Os envolvidos foram 38 adolescentes com idade 13 a 17 anos, alunas da Escola Estadual Dr. Ytrio Correa e Escola Estadual Oscar Soares, do Município de Alto Garças – MT – Brasil. Entre estas 5 encontravam se grávidas.

A coleta dos dados inicia-se com a realização de uma entrevista semiestruturada aberta (com auxílio de gravador), com as 38 adolescentes envolvidas, durante a entrevista houveram perguntas que foram realizadas apenas com as adolescentes grávidas.

## **Resultados e discussão**

As adolescentes grávidas entrevistadas têm idade entre 14 a 16 anos totalizando 5, as outras adolescentes participantes não grávidas têm entre 13 e 17 anos totalizando 33 participantes. O grau de escolaridade predomina em até o primeiro grau completo entre as adolescentes grávidas e não grávidas.

Constatou-se na pesquisa que a renda familiar das entrevistadas grávidas compreende de um a dois salários mínimos sendo 20% um salário e 80% das entrevistadas dois salários mínimos por família.

No universo entrevistado não grávidas 66% por cento das adolescentes já tem uma vida sexual ativa, destas 77,28% iniciaram sua vida sexual antes dos 14 anos. Rappaport, (1995, p.48) diz que por muitas razões (falta de comunicações, [...] mensagens transmitidas e incentivadas pelos meios de comunicação de massa, falta de diálogo com os pais, solidão, etc.), é frequente o início de uma vida sexual precoce. Além da precocidade, traumas relacionados à sexualidade se tornam presentes na vida desses jovens.

Mesmo com iniciativas de âmbito federal na educação e na saúde a pesquisa relata que muitas começam a ser sexualmente ativa muito jovens. Concordando com pesquisas realizadas em outras localidades como as realizadas por autores pelos autores Gomes (1998), Santos et al (2014), Lopes et al, (2015).

Das entrevistadas grávidas, 80% estão preocupadas com o futuro, diante da gravidez não planejada, 20% disse achar normal estar grávida, e está feliz com a situação. Esse medo e preocupação decorre principalmente pela falta de maturidade das adolescentes que se disseram preocupadas.

Quando indagadas sobre onde encontrou maior apoio quando descobriram a gravidez, todas disseram que no início procurou amigos, posteriormente a família. O apoio da família é imprescindível neste momento, porém, nem sempre encontram este apoio como mostram as pesquisas realizadas por Godinho, et al (2000), Dias e Teixeira (2010). Andrade et al (2009) também afirmam que este apoio é imprescindível, e que ele pode partir da escola, tanto na prevenção quanto na orientação após a confirmação da gravidez.

De acordo com Gomes, et al (2002), são muitos os fatores que contribuem para a alta incidência da maternidade durante a adolescência. O início precoce da vida sexual, falta de uso de métodos anticoncepcionais ou uso inadequado deles, falta de dinheiro para adquirir o método contraceptivo são algumas das causas mais comuns que, normalmente, aparecem associadas. "Também não é difícil perceber que, quanto menor a escolaridade, maior o risco de gravidez na adolescência", argumenta a autora. Este dado ficou evidenciado na pesquisa, pois, tanto as meninas grávidas quanto as outras envolvidas, relatam ter dificuldades em conversar sobre o assunto com outras pessoas que não sejam do seu ciclo de amizade (ou seja quase sempre da mesma idade), vergonha em ter consigo estes métodos para quando precisar e também dificuldades para obter os métodos contraceptivos, demonstrando falta de conhecimento sobre a disponibilidade destes em postos de saúde gratuitamente distribuídos.

Ao verificar junto as entrevistadas (grávidas e não grávidas) quanto ao conhecimento sobre DST pode-se afirmar diante da pesquisa que os participantes não diferente dos participantes de outras pesquisas sobre o tema, como as realizadas por de Rodrigues et all (2014) e Silva et al (2015), onde 81,57% das entrevistadas afirmam serem poucas as informações sobre este assunto, não procuram informação nem mesmo em mídias faladas e escritas e que muitas vezes em sala de aula o assunto é abordado de uma forma técnica, e curricular, que não envolve o aluno (relato deles), e outras 18,43% relatam que até ouvem falar sem muita ênfase sobre o assunto em outras

mídias. Todas afirmaram que o pouco que sabem sobre o assunto foi tratado na escola por meio de aulas, palestras e por mídias como a internet.

O estudo apontou que para todas as meninas grávidas, a gravidez não foi planejada. Elas relatam que poderiam ser evitadas caso houvesse maior conhecimento sobre o assunto (relato delas), e que este conhecimento seria maior se fosse tratado constantemente na escola, as cinco adolescentes relatam que não tem diálogo com os pais sobre este assunto, e que as poucas informações que tem foi obtida na escola e em palestras, ou por acesso à internet e em conversas informais com os amigos, demonstrando mais uma vez a importância da escola neste processo de aprendizagem.

Segundo Oliveira (1998), *“a não-continuidade dos estudos significará menor qualificação, portanto, menos chances de competir num mercado cada vez mais exigente e com menos ofertas, além da submissão ao trabalho informal e mal remunerado.”*

Existe ainda uma dificuldade no relacionamento entre pais, responsáveis e filhos quando a abordagem é a sexualidade, e os pais, diante dessas temáticas sintetizam suas orientações em recados monossilábicos, dados de maneira indireta, dificultando a compreensão destes pelos filhos (SOUSA, 2005).

O uso de métodos contraceptivos principalmente o uso da camisinha, não acontece de maneira eficiente na adolescência, e esta questão está entrelaçada inclusive aos fatores psicológicos inerentes ao período, existe a negatividade quanto ao engravidar por parte dos adolescentes, não havendo a necessidade cotidiana de utilizar os contraceptivos. Diante a família não assume a sua sexualidade, se estivesse utilizando os contraceptivos seria a prova de vida sexual ativa (BUENO, 2006).

Ao engravidar a adolescente vivencia implicações tanto no que diz respeito ao fator social como no fator biológico. (LIRA; DIMENSTEIN, 2004). Vergonha, cobranças dos colegas, pais e amigos são os causadores da desistência da escola pelas adolescentes.

## **Conclusões**

Esta pesquisa enfatizou a informação e o conhecimento inadequado dos adolescentes em relação às questões de sexualidade e prevenção da gravidez precoce. Visualizou-se também a necessidade de uma educação sexual com espaços para diálogos e discussões de dúvidas, tanto na escola, como no âmbito familiar.

Observou-se de acordo com este trabalho, a precocidade do exercício da prática sexual da adolescente, que acontece sem prevenção,

ou seja, a maioria delas relata a falta de uso rotineiro de anticoncepcionais ou qualquer outro método contraceptivo.

As cinco adolescentes entrevistadas durante a gravidez, abandonaram a escola e duas destas que trabalhavam, o emprego.

Constatamos diante desse trabalho junto as adolescentes a necessidade de orientações para o uso de contraceptivos para evitar-se gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis.

Acredita-se que saúde, educação, assistência e promoção social deveria manter um canal de comunicação permanentemente aberto e estabelecer um relacionamento terapêutico de confiança, livre de preconceitos, oferecendo aos adolescentes informações que os auxiliem na busca por informações relacionadas a sexualidade, e a escola é sim um espaço adequado para isso.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, P. R.; RIBEIRO, C. A.; OHARA, C. V. S. Maternidade na adolescência: sonho realizado e expectativas quanto ao futuro. **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre, v. 30, n. 4, dez. 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v37n5/17470.pdf> >. Acesso em: 03 outubro. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília, jan.1997.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:<[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha\\_direitos\\_sexuais\\_2006.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha_direitos_sexuais_2006.pdf)> Acesso em: 15 de Jun. 2017.

BUENO, G. M. **Variáveis de risco para a gravidez na adolescência**. 2006. Disponível em: <<http://www.virtualpsy.org/infantil/gravidez.html>>. Acesso em: 12 fev. 2017

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p.123-131, 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2010000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GODINHO, R.A.; SCHELP, J.R.B.; PARADA, C.M.G.L.; BERTONCELLO, N.M.F. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio?. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abril 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12414>> acesso em 29 de marco de 2018

GONÇALVES, R. C., Káryta SANTOS , F. G. dos, MALAFAIA, G., MENEZES, I. P. Família e escola no processo de educação sexual: a concepção dos adolescentes de uma escola pública estadual (PIRES DO RIO, GOIÁS). **Multi-Science Journal**, [S.l.], v. 1, n. 5, p. 38-46, mar. 2018. ISSN 2359-6902. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/324>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GOMES, M. A. O impacto da gravidez na escolaridade das adolescentes. **Intermeio - Revista do Mestrado em Educação – UFMS**, 1998. V. 4, n 7, p. 46-59

GOMES, S.et al. A visão da pediatria acerca da gravidez. **Revista Latino Americana de enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 10, n. 3, p. 408-414, mai./jun.2002.

LIRA, J. B., DIMENSTEIN, M. Adolescentes avaliando um projeto social em uma unidade básica de saúde. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.9, n.1, p.37 - 45, jan/abr.2004.

LOPES, J. de J., FIGUEREDO, T. P. de, SILVA, M. de O., ALVES, M. V., JANUÁRIO, R. de C. S.; FERREIRA, V. S. A. Gravidez na adolescência: principais causas e consequências. **Revista de Inovação, Tecnologia e Ciências**, v. 1, n. 1, p. 260-263, 2015.

OLIVEIRA, M. W.de. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 19, n. 45, p. 48-70, July 1998 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&p](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&p)



id=S0101-32621998000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Janeiro 2018.

RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência**. São Paulo: Ática, 1995.

Rodrigues, Mônica Oliveira, Onofre, Priscilla Sete de Carvalho, Oliveira, Patrícia Peres, Amaral, Júlia Lamese. Conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**. V.4, N. 3, 2014. disponível em:<<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/754>> Acesso em 20 de janeiro de 2018

Silva, André Teixeira da, Jacob, Maria Helena Vianna Metello, Hirdes, Alice. Conhecimento de adolescentes do ensino médio sobre DST/ AIDS no sul do Brasil. **Aletheia: Revista interdisciplinar de psicologia e promoção da saúde**. n. 46. p. 34-49. Disponível em:<<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3230/2379>> acesso em 20 de março de 2018

SOUSA, C. Gravidez na adolescência. in: **Manual do Adolescente**, 2005. Disponível em:<[http://www.adolescente.psc.br/site/fiqueligado\\_int.php?i=49](http://www.adolescente.psc.br/site/fiqueligado_int.php?i=49)>. Acesso em 28 mar. 2015.

SANTOS, C. C.; CREMONESE, L; WILHELM, L. A; CASTIGLIONI, C. M; RESSEL, L. B. Perfil social de adolescentes gestantes e abandono escolar. **Adolesc Saúde**. 2014;11(3):71-76  
[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=453#](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=453#)

UNFPA-BRASIL. **Mundos Distantes**. 2017. disponível em:<<http://unfpa.org.br/swop2017/swop2017.pdf>>. Acesso em: 01 de abril de 2018.

UNICEF, 2011. Situação da Adolescência Brasileira 2011. **O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Brasília: UNICEF. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/br\\_sabrep11.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf)>

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Disponível em: <  
<http://www.4shared.com/web/preview/pdf/uvH9MeH1> >. Acesso em 28 de março de 2016.